

APRESENTAÇÃO

A Extensão Universitária: lócus de interação dialética e dialógica com a sociedade

Ev' Ângela Batista Rodrigues de Barros¹

Falar de Extensão Universitária é falar de uma teia, uma rede, em que se compreendem assuntos e temáticas interdependentes, num desenho triádico em cujos vértices se encontram a Universidade, o estudante / cidadão e, por fim, a sociedade. Essas conexões, sempre de mão dupla, mostram-se indissolúveis, posto que a universidade faz parte da sociedade (sendo uma de suas instituições, reflete e refrata seus valores, demandas, *etc.*), assim como o estudante que a ela ocorre. O ponto de partida e, simultaneamente, o alvo deste indivíduo em formação é a ampliação de suas capacidades reais de inserção e mobilidade nessa sociedade – daí que, alçar a novo patamar (de conhecimentos, competências e habilidades) que lhe permita transitar por diferentes espaços sociais, de forma mais qualificada e reconhecida, é o que justifica toda a trajetória da graduação (que dura entre 4 a 5 anos, em média) e da pós-graduação (no *stricto sensu*, cerca de 6 anos). Como se vê, trata-se de um investimento nada trivial, que contempla várias dimensões – implica investir dinheiro e tempo e, paralelamente, investir-se de (novos) discursos, crenças e representações.

Nesse contexto, fica mais fácil compreender por que a Universidade – instituição relativamente jovem no Brasil – é alvo de tantos ataques: sendo *lócus* de geração e disseminação de conhecimentos, por meio da dupla dimensão que lhe é peculiar – da transmissão (do acervo de saberes socialmente reconhecidos) e da inovação (por meio da pesquisa, das descobertas, lançamento de patentes, *etc.*), querer retardar o ritmo de desenvolvimento de um país é mexer no alcance (da formação, da informação) que se dá nesse espaço.

Nas últimas décadas, vemos a consecução do objetivo há muito expresso na legislação, de consolidação da tríplice função da universidade – ensino, pesquisa e extensão. Das três, esta última foi instada, nas últimas décadas, a, sob contínua pressão, mostrar o seu valor, a sua relevância tanto do ponto de vista acadêmico quanto social.

¹ Coordenadora Setorial de Publicações e Produções Acadêmicas da PROEX. Editora adjunta da Revista Conecte-se, da Proex PUC Minas. Professora do Departamento de Letras. Editora da Revista do Instituto de Ciências Humanas da PUC. Coordenadora Institucional do PIBID PUC Minas.

O professor João A. de Paula (2017), em inspirada reflexão sobre a história da extensão no Brasil, mostra que ela vem com uma função pragmática, nos anos 1950 e subsequentes, como forma de intervir sobre a realidade em diversas das temáticas emergentes:

É nesse contexto, em que o Estado e outras instituições responsáveis pela manutenção da ordem social despertaram para a necessidade de oferecer políticas capazes de atender / neutralizar reivindicações operário-populares, que também as universidades se voltaram, de fato, para a questão social, inicialmente, e, depois, para um amplo conjunto de campos e interesses, que vão da educação de jovens e adultos às políticas públicas de saúde e tecnologias à prestação de serviços, da produção cultural ao monitoramento, avaliação de políticas públicas, entre muitas outras atividades. (PAULA, 2017, p. 9)

Lembra-nos, ainda, esse autor que houve um lapso – até meados dos anos 1980 – para que pudéssemos ver a consolidação da extensão, a partir das ações sistemáticas do Fórum de Pró-Reitores da Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (Forproex). Essa entidade foi decisiva para se lograr êxito na construção de uma política de extensão nacional como a que conhecemos hoje. Para ele, a partir da atuação do Forproex foi possível

tanto a conceptualização do escopo e natureza das ações extensionistas quanto a criação de instrumentos de monitoramento e avaliação, e que, mais recentemente tem respaldada a efetiva institucionalização da extensão; assim, esse fórum tem sido protagonista, junto com outras instâncias que pensam, planejam e avaliam a extensão universitária no país. (PAULA, 2017, p. 8).

Não se trata, porém, de processo tranquilo e unidirecional – como processo, está sujeito a incompreensões, a fluxos que permitem avançar, paralelos a contrafluxos que fazem retroceder a patamares indesejáveis. Para ele, os grandes empecilhos vividos nesse processo “decorrem, em grande parte, do fato de a extensão se colocar questões complexas, seja por suas implicações político-sociais, seja por exigir postura intelectual aberta à inter e à transdisciplinaridade, que valorize o diálogo e a alteridade.” (PAULA, 2017, p.6).

Morin (2003) nos interpela, ao refletir sobre a falta de sentido de determinado modelo de universidade, ocidental, a qual forma

uma proporção demasiado grande de especialistas em disciplinas predeterminadas, portanto artificialmente delimitadas, enquanto grande parte das atividades sociais, como o próprio desenvolvimento da ciência, exige homens capazes de um ângulo de visão muito mais amplo e, ao mesmo tempo, de um enfoque dos problemas em profundidade, além de novos progressos que transgridam as fronteiras históricas das disciplinas. (MORIN, 2003, p.9)

A realização da extensão, em suas diversas modalidades, ajuda a quebrar com essa visão fragmentária da realidade; ensina a escuta dos dilemas e problemas da comunidade que, nessa relação com os acadêmicos, não entra numa situação de desvalia – há uma troca, uma mão dupla de ensino e aprendizagem. No entanto, esse processo demanda aporte de recursos humanos e financeiros, nem sempre acessíveis na qualidade e quantidade desejáveis; pelo contrário, num momento de crise prolongada, estes são os primeiros a serem “contingenciados”. Uma das possíveis razões reside no fato de que o ensino e a pesquisa fazem voltar as lentes para o interior da instituição; a extensão as focaliza no externo, redimensiona a compreensão do que seja alteridade e relação dialógica.

Como afirma Boaventura Santos (2008), o que dá norte e sentido à universidade é exatamente o poder de voltar seu olhar e sua prática para a sociedade que a engendrou, como forma de justificar os processos de disseminação de saberes valorizados e, ao mesmo tempo, de produção de novos saberes, de formação das novas gerações para assumir seu lugar nesse espaço-tempo em questão. Assim, princípios caros da extensão – alteridade, inovação, sustentabilidade e criatividade acabam se tornando cruciais à perenidade (e à desejável ampliação) das ações extensionistas.

Por não ter respostas prontas, mesmo porque as interpelações e demandas da realidade se alteram, os agentes da extensão precisam inovar e renovar – metodologias de intervenção, estratégias de acompanhamento, de escuta, de intervenção: é um fazer eivado de complexa circunstância... Complexa, no sentido que Morin (2003) empresta a essa palavra, de “tecido junto”: a realidade brasileira, de tão grandes e notórias desigualdades sociais, conclama todos a pensar (repensar) e a agir – na urgência e na incerteza.

Ao nos incitar à ação, com intuito de conhecer e transformar uma realidade – em alguma(s) de sua(s) nuance(s), que seja – a extensão se aproxima da visão freiriana de educação, posto que somente conscientes da relevância e da abrangência de nossas ações poderemos transformar algo. Ao se inscrever no mesmo lócus do ensino e da pesquisa, a extensão como mediadora da relação com o entorno e seus habitantes,

Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demonstra uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a qual está submetido seu ato. [...] Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. (FREIRE, 2010, p. 27).

Num momento crítico como o atual, em que se desaceleram e desarticulam políticas públicas que se encontravam em funcionamento, mais complexas se tornam as relações, mais confusos os imbricamentos de discursos e posicionamentos. Mister se faz, então, a escuta das demandas sociais, o trabalhar junto – dialética e dialogicamente – e é um pouco desse fazer extensionistas marcado pela alteridade que se apresenta nos textos constitutivos deste número de **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão.**

Iniciamos o volume com a entrevista concedida pelo professor Luiz Síveres, que nos mostra que de nada valem os investimentos nas tecnologias em si, das ciências “duras”, sem que haja o investimento nas áreas das humanidades e ciências sociais. Voltando à analogia da torre e do sino, constitutiva de obra anterior, ele afirma, lúcida e poeticamente, que “a expressão da torre se evidencia, neste momento, porque os conhecimentos precisam responder às exigências imediatas da formação profissional, o desenvolvimento das tecnologias, que devem estar disponíveis, preferencialmente, para as demandas do mercado, e os saberes carecem responder aos princípios de uma modelagem governamental bastante liberal. Isso não significa, no entanto, que a dimensão do sino tenha desaparecido das sociedades, até porque a razão da torre é a ressonância do sino”. Em conclusão dessa analogia, afirma que “é possível perceber, ainda, a sonoridade do sino por meio da arte, da poesia e da filosofia, é oportuno perceber o movimento do sino que não se deixa paralisar apenas pela intencionalidade de alguns grupos sociais.”. Imperdível esse diálogo com um pesquisador e humanista que vem tratando das diversas dimensões da universidade com olhar lúcido e crítico.

Em seguida, um conjunto de cinco artigos cria uma perspectiva sobre algumas formas de se praticar extensão, contemporaneamente. No primeiro, “Desenvolvimento neuromotor infantil: produção técnico-cultural visual para complementar a educação permanente do público-alvo na atenção primária de saúde”, a mestrandia Caroline Marie Calil Scholz Prado e a professora Maria Valéria Corrêa e Castro Campomori tratam da educação permanente dos profissionais do Centro de Saúde Parque Floresta do Distrito Noroeste de Campinas-SP, envolvidos em um Projeto de Extensão Universitária. Seguindo uma metodologia comparativa, que lança mão de recursos audiovisuais com crianças de desenvolvimento neuromotor normal, na faixa de zero a 24 meses de idade, dedicam-se ao aprimoramento dos conhecimentos de um grupo de profissionais da saúde e dos pais sobre esse tema. Essa intervenção favorece a detecção precoce de alterações neuromotoras infantis e a intervenção apropriada – “a seleção e o encaminhamento das crianças comprometidas ao *follow-up* multiprofissional, visando às avaliações médica e fisioterapêutica”. A partir da pesquisa,

com a estruturação de produto técnico-cultural de comunicação (os vídeos gravados e disponibilizados ao público-alvo do projeto), atestam o valor dessa ação, relevante no âmbito social e acadêmico.

No segundo artigo, “Ressignificar a experiência da medida socioeducativa numa perspectiva não punitivista: a experiência do Projeto de Extensão Laços / PUC Minas”, a graduanda em Psicologia Ana Flávia Dias de Andrade e a professora Cristina Campolina Vilas Boas expõem as práticas concernentes ao Projeto Laços, que visa a construir vínculos com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em meio aberto. Partindo dessa premissa, a equipe envolvida utiliza oficinas como meio para promover relações coletivas, dialógicas e horizontais com os adolescentes. Partindo da perspectiva garantidora de direitos prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os extensionistas adotam metodologia que se contrapõe a medidas punitivistas, com objetivo de contribuir para a desconstrução de paradigmas que, ao rotular esses jovens, lhes tira a possibilidade de uma cidadania plena de direitos e de reconhecimento social. Por meio dos instrumentos de monitoramento e avaliação das ações, notam que têm se verificado mudanças de comportamentos nos jovens, a partir das experiências vivenciadas e da construção de vínculos com os participantes do projeto.

Na sequência, o terceiro artigo, intitulado “Casas de acolhimento como políticas públicas no enfrentamento da violência contra a mulher”, traz à cena a discussão sobre a violência doméstica e familiar contra a mulher e, no bojo desse problema, avalia o papel das casas de acolhimento como políticas públicas no enfrentamento dessa violência. Os autores, Raquel de Oliveira Souza e Santiago, professora do Curso de Direito, a graduanda Karinne Vieira de Jesus e o professor Bruno Vasconcelos de Almeida tecem rigoroso estudo teórico, ao promover um conjunto de práticas (psicológicas, de saúde, comunicacionais e até mesmo jurídicas), em parceria com outras instituições, desenvolvidas na Casa de Referência da Mulher Tina Martins. Constatam, em campo, o valor das casas de acolhimento para o fortalecimento das ações afirmativas de assistência às mulheres vítimas de agressão, física ou psicológica.

O quarto artigo, estabelece uma conexão com os próximos textos subsequentes – um artigo e um relato, ambos desenvolvidos por equipes de graduandos e professores da Engenharia de Produção.

Em “Promovendo a acessibilidade em casa de assistência social - Análise técnica da Engenharia Civil do Coração Eucarístico”, as discentes Laíza Carla Vieira Barbosa e Daniele Moreira de Oliveira Dias, em conjunto com os professores Everaldo Bonaldo, Rafael Aredes Couto e Viviane Cristina Dias, evidenciam como a escuta atenta a necessidades da sociedade podem ser resolvidas com inovação e qualidade, a partir da análise e planejamento das intervenções. Em

parceria com o Grupo Espírita de Fraternidade Albino Teixeira – GEFRATER –, os participantes do projeto iniciaram os trabalhos de levantamento em campo, de projeto e orçamentos dos equipamentos, a fim de promover a acessibilidade a pessoas com necessidades especiais. A preocupação em promover uma melhor qualidade de vida a esses beneficiários norteou os estudos e análises, que culminaram com a orientação sobre a melhor opção técnica e financeira para o local – a construção de uma plataforma elevatória localizada na parte externa da edificação. A extensão universitária apresentou-se como mão dupla, em que numa ponta se tem o foco na formação de profissionais capacitados a atuar diretamente com as demandas impostas pela sociedade e, no outro, a intervenção dialogada – que permitiu desenvolver competências e habilidades de variada natureza – como estratégia para resolver um problema concreto de uma instituição social.

No quinto artigo, “Análise de modos e efeitos de falhas: abordagem extensionista aplicada a uma pequena empresa”, o grupo de autores, constituído pela professora do curso de Engenharia de Produção, Alessandra Lopes Carvalho e os estudantes Luciano Andrade, Henrique Tadeu Castro Mendes, Matheus Albiani Alves e Pedro Vittorelli Pinheiro, aborda ações realizadas no âmbito do Projeto Extensionista “Produção Ativa”. Com o objetivo de promover a interação entre o conhecimento acadêmico e o saber popular, os autores analisam as razões pelas quais um percentual muito grande das empresas fundadas no Brasil fecha as portas no primeiro ano de vida; especificamente, discutem os estudos e intervenções realizados em uma empresa que se dedica à produção de objetos de aço inox, utilizados para homenagens e premiações. Por meio do estudo de caso desenvolvido, constataram que a concretização de todas as etapas da metodologia estudada teoricamente em sala possibilitou ganhos à produtividade da empresa parceira, e, paralelamente, agregou valor à formação dos graduandos envolvidos.

Na seção de relatos reflexivos de experiência, começamos com um que dialoga com os textos prévios. Em “Aplicação de *lean manufacturing* para análise de elevado volume de estoque de componentes na Empresa Alfa”, os autores, Amanda Delfino de Oliveira e Sidnei do Nascimento Trindade, discentes da Engenharia de Produção, orientados pelo professor Luiz Carlos do Nascimento, fazem uma análise multidimensional da linha de produção de uma empresa parceira, visando a localizar os aspectos da gestão de estoque em que havia perda significativa e, portanto, decréscimo de produtividade. A fim de proporem medidas concertadas ao observado em campo, empregaram a metodologia *Kaizen*. Feita a análise cuidadosa da situação problema, a causa raiz foi identificada e puderam propor contramedidas de melhoria. Além da satisfação da empresa parceira, constataram ganhos qualitativos consideráveis na formação dos participantes do projeto.

Na sequência, temos dois relatos mais voltados para a área das ciências da saúde. No primeiro, intitulado “Projeto Artcular: o trabalho artesanal como formador de identidade e gerador de renda para gestantes e parturientes”, os autores – o professor João César de Freitas Fonseca, e o grupo de graduandos Lorena Nascimento Martins, Layla Oliveira do Carmo e Patrícia Gomes da Silva (da Psicologia), Adriana da Silva Gomides (da Administração) e João Gabriel Moreira G. Fonseca (Publicidade e Propaganda), relatam atividades desenvolvidas em 2017, no projeto em tela. Segundo afirmam, o projeto ofereceu suporte técnico e científico para um grupo de formação psicossocial constituído por voluntárias e mulheres trabalhadoras, grávidas ou parturientes se organizam em dois subgrupos, na instituição: o Grupo de Convivência da Mulher e Amparo à Maternidade (que atua no cuidado com a gravidez, educação para a saúde, cuidados femininos e assistência direta) e o Artcular, mais voltado à educação. Nele, são promovidas oficinas de artesanato e educação profissional com o objetivo de propiciar geração de renda e estimular a autonomia das participantes para que se percebam como cidadãs, capazes de transformar a própria situação. Os extensionistas acreditam ter logrado êxito com as intervenções, o que possibilitou novo patamar de autonomia para todos os envolvidos.

No terceiro e último relato, “Plano de triagem individual profissionalizante: estudo para avaliação, capacitação e contratação de pessoas com deficiência (PCD)”, as professoras do curso de Psicologia, Carolina Costa Resende e Patrícia Maria Cardoso Santos, ao lado das graduandas Brunna Rezende Furst e Kedema Ferreira Gregório Silva explicitam as ações no bojo do projeto de extensão Rede Incluir. As autoras propõem o desenvolvimento de um instrumento de triagem e a avaliação integral da pessoa com deficiência (PCD), que, corriqueiramente, demanda a PUC Minas em busca de capacitação para inserção no mercado de trabalho. Com essa nova ferramenta, em fase de pré-teste, será possível “gerar uma referência de avaliação que demonstre as potencialidades, interesses e aptidões, considerando a interface dessas variáveis com o grau de autonomia para a vida diária e o perfil cognitivo do indivíduo, oferecendo subsídio para constatação da situação do sujeito, e auxiliando assim, na tomada de decisão no que se refere ao futuro de profissionalização da PCD”. A partir de rigorosos estudos na literatura da área, explicitam como se deu a criação de um protótipo, e constataram que a efetividade da ferramenta faz com que seja grande o potencial desse instrumento para a avaliação / seleção (recrutamento) das pessoas com deficiência. De grande relevância social e acadêmica, as ações do projeto mostram o valor da inovação para a solução de problema do público beneficiário, as PCD e suas famílias.

Por fim, a resenha feita pelo estudante de Letras e estagiário da Proex, Thomaz de Oliveira Gomes, permite o fechamento da interlocução iniciada com a entrevista, neste volume. O livro **Encontros e diálogos: pedagogia da presença, proximidade e partida**, do professor e

pesquisador Luis Síveres, busca discorrer acerca do processo de interação entre educando e educador, e de formação desse profissional ao longo do processo dialógico em que deve consistir o ensino. Para o resenhista, um aspecto importante da obra reside no modo como o autor constrói sua argumentação sobre os pilares do pressuposto dialogal e da pedagogia da presença, da proximidade e da partida.

Vale ler a resenha e, mais ainda, dela partir para a busca da completude da obra, com os diversos questionamentos que nos impelem a ler de forma mais crítica nossa realidade, e, sobretudo, nossa contextualidade (pessoal e profissional, com as simetrias e assimetrias que nos impõe). Como salienta o resenhista, fazendo coro à voz de Síveres, “o diálogo seria recomendável para a compreensão da realidade, de forma que propicie uma construção digna das estruturas sociais humanas, visto que se constituiria, nessa dimensão, em um discurso entre a identidade e a diferença”.

É este, pois, um volume cujos textos nos incitam à leitura reflexiva, a uma releitura – ética, estética e política – da docência que defendemos, e à ação transformadora, no âmbito em que estejamos – do ensino, da pesquisa e/ou da extensão.

REFERÊNCIAS

- DESLANDES, Maria S. S.; ARANTES, Alisson R. A extensão universitária como meio de transformação social e profissional. **Sinapse Múltipla**, 6(2), dez.,179-183, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla> . Acesso em: 31 de maio 2019.
- FORPROEX - Fórum de Pro-reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras. **Política nacional de extensão universitária**. 2013.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. RJ: Bertrand-Brasil, 8 ed., 2003.
- PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **InterFaces Revista de Extensão da UFMG**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5/pdTEIXEIRA>. Acesso em: 31 de maio 2019.
- PERRENOUD, Phillippe *et al.* **As Competências para Ensinar no Século XXI**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma universidade nova**. Coimbra, 2008. Disponível em < <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media.>> Acesso em: 30 de maio 2019.